

# SARNEY UNE SONHO E REALIDADE

Augusto Marzagão  
Especial para o Correio

Ilustração: Sérgio Costa

O destaque da literatura brasileira, neste começo de 1997 é o êxito, na Europa, do romance de José Sarney, *O Dono do Mar*. Tão grande foi o sucesso do livro em Paris e em Bruxelas, onde o autor foi lançá-lo, que a editora Hachette decidiu-se por planos imediatos de reedição.

Nos meios acadêmicos e literários Sarney recebeu homenagens que não deixaram qualquer dúvida sobre a qualidade e a importância da obra, confirmando internacionalmente a calorosa receptividade que ele já obtivera no Brasil, por isso mesmo já na sua sexta edição.

O primeiro leitor europeu a vencer-se dos méritos de *O Dono do Mar* foi o seu tradutor para o francês: "É um excelente romance", disse ele, com a autoridade e a experiência de quem já traduziu expoentes da nossa literatura como Jorge Amado e Clarice Lispector.

Não são frequentes, no panorama mundial, os casos de homens públicos que também se notabilizam como homens de letras. José Sarney se situa entre esses raros. Em paralelo à carreira política que o alçou ao posto supremo da presidência da República e na qual continua em alta posição de lideranças e prestígio, ele cultivou uma carreira de poeta e prosador que igualmente veio a colocá-lo no pódio dos vencedores. A Acade-

mia Brasileira de Letras não hesitou em elegê-lo para a restrita congregação dos imortais, diante dos contos e de demais frutos da atividade do escritor-estadista no jornalista, no discurso parlamentar e noutros campos da criação intelectual.

*O Dono do Mar* é bem uma síntese do multiforme talento literário de Sarney: sob a mesma autoria ali estão

o ficcionista e o poeta, o sonhador e o realista, o fabulador a serviço da imaginação e da fantasia e o paciente garimpeiro da pesquisa, o contador de histórias e o historiador, o entesourador da tradição oral e o investigador de documentos, o íntimo do mar e da pesca e o perito da alma humana.

Impressionante é a abrangência do mundo ficcional sarneyano. Não

só em paisagem — terras e mares — mas também em personagens — verdadeiros, folclóricos, fictícios e lendários — e em figuras fantásticas, desde uma canoa que parece ter vida até uma mítica fauna terrestre e marinha, povoada de monstros e seres sobrenaturais, que espalha assombração e tragédia numa sofrida comunidade de pes-

cadores do litoral maranhense.

Daí que o livro de Sarney é a um só tempo regional e universal, cem por cento brasileiro e totalmente acessível ao leitor de qualquer país. As peculiaridades dos cenários e da narrativa do autor tornam-se traduzíveis — como estão sendo — nas mais diversas línguas, porque todos são capazes de entendê-las com o simples instrumento da sensibilidade humana.

No Brasil, *O Dono do Mar* foi consagrado por escritores do tope de Jorge Amado, Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar. Entre os estrangeiros, eis o que diz, por exemplo, o famoso antropólogo Claude Lévi-Strauss: "nos livros de Sarney a mitologia popular floresce em evolução ao passado, relativamente próximo para os homens ignorantes da história mas que, na pena do narrador, assume dimensões muito mais vastas e torna presente, para nós, a epopéia marítima da nação portuguesa inteira que se perpetua diante de nossos olhos, graças ao senhor, através da vida laboriosa de humildes pescadores do litoral brasileiro. Obra monumental".

Em meio às agruras do cotidiano e da eventual satisfação da vida política, o hoje Senador José Sarney, e sobretudo escritor, há de sentir que se o poder passa, a arte é eterna. Uma eternidade que paira acima da fantasmagoria lírica e dos naufrágios de *O Dono do Mar*.

■ Augusto Marzagão é jornalista

